

ESTAMOS DIANTE DE UMA NOVA REVOLUÇÃO? INVESTIGANDO OS IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO USO DE CELULARES MULTIFUNCIONAIS.

Alunas: Thalia Santiago dos Santos

Orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Introdução:

A partir da integração em rede dos computadores do mundo inteiro, possibilitada pela Internet, emergiu uma nova organização social, a sociedade em rede, onde, tudo está potencialmente interligado. Essa transformação gerou grandes mudanças na forma de viver e de ser da população mundial.

Depois dessa integração dos computadores mundiais, vemos, agora, um novo período de transformação, desencadeado pelo uso dos celulares. Cada vez mais fazemos uso de tecnologias da informática e das telecomunicações que nos permitem mobilidade. Em outras palavras, tecnologias foram desenvolvidas para permitir o uso de plataformas móveis para estarmos interligados. Estas são as tecnologias por trás da telefonia celular.

Os celulares inteligentes, que conjugam diversas funções, introduzem alterações no comportamento e nas formas de viver de seus usuários. Percebemos isso por sua grande penetração em todo o tecido social. Os celulares difundiram-se por todo sistema econômico e vêm gerando transformações aceleradas.

Tal como no caso da Internet, importantes alterações nas configurações psicológicas poderão ser uma das conseqüências de seu uso cotidiano. Observações preliminares sugeriram, por exemplo, que poderia estar ocorrendo a re-definição das esferas do público e do privado, que novas formas de controle poderiam estar emergindo e que um novo tipo de sociabilidade 24 horas por dia poderia estar sendo instaurado.

Objetivos:

O objetivo da atual pesquisa foi inspirado em uma pesquisa anterior com jovens de 18 a 25 anos que tinha como objetivo: (1) a investigação dos hábitos de uso dos celulares entre os jovens das camadas médias urbanas; (2) a identificação dos perfis dos usuários de celulares pertencentes a essa faixa etária e classe social; (3) a investigação das alterações de ordem psicológica que o uso dos celulares está introduzindo em suas vidas.

Dentre os resultados da pesquisa com jovens sobre o uso dos celulares, um dos itens que nos chamou atenção foi: os constantes e muitas vezes contraditórios depoimentos sobre como, ao mesmo tempo, se sentem livres por conta dos celulares (na medida em que a possibilidade de serem vigiados à distância lhes dá uma maior autonomia) e se sentem invadidos pelos pais, que usam os celulares para exercer sobre

eles novas formas de vigilância e controle. A partir desse resultado surgiu o interesse em pesquisar o uso do celular por mães de filhos na mesma idade que os sujeitos da pesquisa anterior.

Em função do que esses jovens diziam a respeito do uso que seus pais, principalmente suas mães, para mantê-los sob vigilância, foi sugerido pela Professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa que a equipe de pesquisa realizasse um levantamento análogo acerca do uso dos celulares por sujeitos que se enquadrassem em um perfil de mães com filhos entre 18 e 25 anos. Além de analisar a questão do controle, aspecto freqüente no relato dos sujeitos da pesquisa anterior, essa nova pesquisa tem como objetivo investigar os hábitos de uso na faixa etária entre 40 e 60 anos.

A pesquisa analisou como ocorreu a entrada do celular na vida dessas mulheres e as mudanças no seu cotidiano após a inserção dessa tecnologia. Nas entrevistas percebemos desde sua forma de uso inicial, quando adquiriram seus primeiros celulares, e pudemos acompanhar a evolução de sua maneira de usá-los até a forma atual.

Metodologia:

A pesquisa foi realizada através de 20 entrevistas individuais gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

1) Sujeitos das entrevistas

Alguns critérios foram determinados para o recrutamento dos sujeitos entrevistados: (1) ter entre 40 e 60 anos; (2) ser do sexo feminino; (3) ter filhos entre 18 e 25, que tenham celulares próprios; (4) morar com os filhos; (5) ter celular próprio há no mínimo um ano; e (6) pertencer às camadas médias e urbanas. A seguir, serão explicados os motivos pelos quais esses critérios foram estabelecidos.

O primeiro critério de recrutamento foi estabelecido considerando a idade que correspondesse à possibilidade de ser mãe de jovens entre 18 e 25 anos. Como a faixa etária dos filhos era ampla, também não se poderia limitar muito a idade das “mães”.

Quanto ao segundo critério de recrutamento, decidiu-se fazer apenas entrevistas com mães. Pois na pesquisa realizada com os jovens observou-se que alguns destes diziam sentir-se controlados, principalmente pelas mães. Sendo assim, na presente pesquisa, os sujeitos tinham de ser do sexo feminino. O terceiro e quarto critérios também foram impostos considerando a pesquisa anterior, a qual já determinava a idade dos jovens, o fato de terem celular próprio e morarem com as mães. Dessa maneira, mantém-se a possibilidade de ser feita uma comparação entre as duas pesquisas.

Em relação ao quinto critério, era necessário que os sujeitos tivessem celulares há no mínimo um ano, pois em outras pesquisas realizadas pudemos constatar que o uso dos celulares se modifica de forma relevante ao longo do tempo, tendendo a se tornar mais amplo. E, por fim, considerando os estudos que já mostraram que o uso do celular é sensível ao contexto sócio-cultural (Nicolaci-da-Costa, 2004, 2003), ficou definido que os sujeitos deveriam pertencer às camadas médias urbanas. Dessa forma, tem-se a finalidade de delimitar um perfil específico, pois o uso dessas camadas difere do uso das camadas menos favorecidas.

2) Instrumentos de coleta de dados

Quanto à coleta de dados, inicialmente, um roteiro foi elaborado para a realização de entrevistas piloto. Após análise dessas primeiras entrevistas, foi elaborado um outro roteiro mais qualificado e aprimorado para investigar as questões de nosso interesse. Baseados neste novo roteiro – agora definitivo – foram efetuadas 20 entrevistas.

O roteiro definitivo é constituído por uma parte estruturada, referente à idade da mãe, sua ocupação, seu estado civil, número de filhos, idade dos filhos, com quantas pessoas mora e quem são, há quanto tempo tem o celular e quantos filhos têm celulares; e uma semi-estruturada, que contém os principais itens que servem de base para as questões que se pretendia investigar, num total de trinta perguntas, em sua maioria, abertas. Perguntas abertas são caracterizadas por não limitar a resposta do sujeito entrevistado, oferecendo-lhe liberdade para responder da forma que desejar o que lhe é questionado. De modo a atingir os objetivos da pesquisa, as perguntas fechadas – caracterizadas pela limitação da resposta – eram seguidas de perguntas de aprofundamento (como, por exemplo, “por quê?”).

O roteiro foi utilizado como um instrumento para guiar o entrevistador. A entrevista deveria se assemelhar a uma conversa informal, por isso as perguntas não tinham uma ordem estabelecida e não eram lidas, evitando a artificialidade e a inibição do entrevistado. Além disso, para torná-las descontraídas, foram realizadas em locais escolhidos pelos próprios sujeitos.

As principais questões presentes no roteiro abordavam as seguintes temáticas: a rotina do uso do celular da entrevistada, as diferenças entre o uso do telefone fixo e do celular, as formas de relação interacional que permeiam o uso do celular, as mudanças ocorridas diante de seu uso (negativas, positivas, voltar à vida antes do celular), questões cotidianas (quando desliga, se já foi roubado, quebrado, ligações de madrugada etc.) e questões relativas à privacidade e à intimidade.

Roteiro das entrevistas:

I-Requisitos:

- Ter entre 40 e 60 anos
- Ter filhos entre 18 e 25 anos
- Sexo feminino
- Morar com os filhos
- Ter celular próprio há no mínimo um ano
- Classe média / média alta

II-Identificação:

- Idade
- Ocupação
- Estado civil
- Número de filhos
- Idade dos filhos
- Com quantas pessoas mora? Quem são?
- Há quanto tempo tem o celular?
- Quantos filhos têm celulares?

III. Roteiro

- 1) Quando você comprou seu primeiro celular? Por quê?
- 2) Como você usa o seu celular? (Recebe mais / Faz mais ligação? Quem te liga / Pra quem você liga?).
- 3) Qual a maior utilidade do celular para você?
- 4) Quem tem o número do seu celular?
- 5) Qual telefone você usa mais: o celular ou o fixo? Por quê (para quê)?
- 6) Qual telefone você costuma dar primeiro? Celular ou fixo? Por quê?
- 7) Você tem o celular das suas amigas? Elas têm o seu? (Por quê?).
- 8) Tem o celular sempre por perto? Onde? Como?
- 9) Seu celular está sempre ligado? Por quê?
- 10) Você usa a agenda do seu celular?
Em caso positivo: Quem são as pessoas que estão gravadas? Por quê?
Você tem estes números só na agenda do celular?
Em caso negativo: Onde mais?
- 11) Depois que você comprou o celular, como ficou o seu uso do fixo?
- 12) Quando as pessoas te ligam, elas ligam primeiro pra qual? Celular ou fixo?
E, quando você liga para elas, liga pra qual primeiro? (investigar as ligações para os filhos)
- 13) Quem na sua casa tem celular? Eles compraram ou ganharam o celular? (Se ganharam, perguntar de quem e por quê. Se compraram, perguntar por quê).
- 14) Como é a comunicação entre vocês? (família / filhos / e outras pessoas da sua casa)
Eles te ligam mais / você liga mais pra eles? Por quê?
Normalmente vocês se ligam pra quê?
Com que frequência vocês se falam durante o dia? (Enfatizar as ligações para os filhos)
- 15) Quando você liga pro celular de alguém, você costuma perguntar onde a pessoa está? Por quê? No caso das pessoas da sua casa (principalmente os filhos), você pergunta onde eles estão? Por quê?
- 16) Você atende qualquer um no celular em qualquer lugar e a qualquer hora? Em caso negativo: Quem você atende em qualquer lugar e a qualquer hora? Por quê?
Como se sente quando liga para alguém e a pessoa não atende? Como se sente se essa pessoa for seu/sua filha? Por quê?

- 17) Você costuma olhar no visor antes de atender? Por quê? (investigar se o(s) filho(s) a identifica(m) antes de atender)
- 18) E toque diferenciado, você usa? (Em caso positivo, para quem e por quê?).
- 19) Como você se sente com a possibilidade de ser encontrada em qualquer lugar a qualquer hora?
- 20) E como você se sente com a possibilidade de poder encontrar as pessoas com quem quer falar em qualquer lugar e a qualquer hora? (Aqui, investigar a questão dos filhos).
- 21) Você costuma receber ligações de madrugada?
Em caso positivo:
No fixo e/ou no celular? (Cuidado para discriminar o que acontece no fixo e no celular)
Quem costuma te ligar? Pra quê?
O que você acha disso?
- 22) E você costuma fazer ligações de madrugada? Pra quem? Por quê?
- 23) Você recebe ligações a cobrar? De quem? Como se sente?
- 24) Você costuma emprestar seu celular? Por quê? Pra quem?
- 25) Se um celular de alguém da sua casa quebrar ou for perdido/roubado, o que acha que aconteceria? Alguém emprestaria o seu? Quem? Para quem?
- 26) Você já teve seu celular quebrado ou roubado? Como foi? Como se sentiu?
- 27) Quais as mudanças positivas que o celular gerou na sua vida? Por quê? Quais as mudanças negativas que o celular gerou na sua vida? Por quê?
- 28) Você gostaria de voltar à vida antes do celular? Por quê?
- 29) O que é privacidade pra você? Mudou alguma coisa na sua privacidade com o uso do celular?
- 30) E intimidade, o que é pra você? Como fica a intimidade com o uso do celular?

3) Procedimentos

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas presenciais e individuais, conduzidas de forma a preservar as características de uma conversa informal. Ficou a critério do entrevistado escolher o lugar mais conveniente para a realização da entrevista. Isso foi feito para permitir que ele se sentisse à vontade.

4) Análise de Dados

Após serem integralmente transcritas, as entrevistas foram submetidas às técnicas de análise qualitativa de discurso (ver Nicolaci-da-Costa, 1989, 1994, 2002b e c). Tal análise é realizada em duas etapas: a análise intersujeitos e a análise intra-sujeitos. A primeira consiste em buscar as respostas predominantes para a maioria dos sujeitos, uma visão panorâmica dos depoimentos é possível através do agrupamento de todas as respostas de todos os sujeitos, que são sistematicamente comparadas em busca de recorrências, fato possível visto que todos os sujeitos têm um perfil homogêneo e se pronunciam sobre todos os itens do roteiro. Nessa etapa, as respostas recorrentes já apontam para possíveis tendências centrais nos resultados, que serão confirmadas ou não na análise individual das entrevistas. A segunda etapa, a análise intra-sujeitos, se dá pela análise de cada entrevista individual e, nela, são investigados os possíveis conflitos e contradições que podem aparecer dentro do discurso de um mesmo sujeito. Essa técnica nos fornece um conhecimento tanto global quanto específico do material coletado e propicia, além disso, a revelação de significados que estão nas entrelinhas dos depoimentos.

Resultados:

Os resultados foram analisados por completo por toda equipe, sendo que cada membro ficou responsável pela análise detalhada de determinados itens. A seguir se encontram, exclusivamente, os tópicos analisados por mim.

Uso diferenciado do celular em relação aos filhos:

Numa análise intersujeitos, ou seja, numa avaliação acerca das respostas emitidas pelos diferentes sujeitos da pesquisa, ficou evidente o uso diferenciado do celular, que a maioria das entrevistadas faz, em relação aos filhos. Há uma disponibilidade total para atendê-los e uma imensa necessidade deles estarem acessíveis a elas – seja pelos seus próprios celulares, seja pelo empréstimo dos aparelhos das próprias mães.

Silvia Junqueira, professora de inglês, com 49 anos, revela que apesar de não costumar atender ao telefone quando está dando aula ou no cinema, quando se refere ao seu filho, o atende em qualquer hora e lugar: “(...) *meu filho com certeza, já atendi até em aula*”. Joana Pinto, aposentada com 53 anos, complementa o discurso de Silvia, dizendo que no momento que seu filho liga “*eu largo o que eu tô fazendo*”.

Grace Costa, 48 anos, comerciante, não vê problema em emprestar o celular para a filha, uma vez que esta pode estar (...) “*precisando mais do que eu. Se eu não ia precisar porque ia ficar em casa, era melhor eu garantir a segurança emprestando pra Isabela*”. E diz ainda que faz questão de que sua filha se comunique com ela, pois apesar de ser “(...) *liberal, não proíbo de nada, ela tem liberdade pra sair, voltar quando quiser (...) eu gosto e faço questão de estar informada: ‘vai aonde? Com quem?’*, se vem dormir em casa... *Porque se acontece alguma coisa eu estou mais ciente da situação, entendeu?!*”.

Luciana da Silva, professora e psicóloga clínica, 55 anos, também demonstra essa preocupação de seu filho estar acessível a ela, pois acredita que o celular reduz muito a ansiedade devido ao “(...) *fato de você saber que pode entrar em contato se for necessário. (...) Por isso mesmo eu comprei um celular para ele antes de comprar para mim*”.

Como o controle dos filhos é feito com a “ajuda” do celular:

O controle em relação aos filhos aparece tanto de forma explícita, como de uma forma camuflada. Seja justificado pela violência da cidade, seja através da necessidade de organização da rotina diária. Patrícia Ferrari, aposentada de 53 anos, mãe de três mulheres de 23, 25 e 27 anos, conta que fica muito “(...) *preocupada com a violência, com tudo isso. Elas (filhas) são jovens, saem sempre só mulheres juntas. Eu fico com muito medo. E me preocupo sempre. Só durmo quando elas chegam em casa*”. Diz que liga para as filhas “*Várias vezes. Todo dia. Quando tá fora de casa, porque eu tenho saudades, quero saber notícias. Fico preocupada, aí eu telefono*”.

No depoimento de Solange Fernandes, aposentada de 54 anos, podemos perceber de forma bastante clara como existe esse controle, e como é justificado por razões alternativas. De acordo com Solange, que liga para os filhos “*Para controlar, bem controlar eu não controlo, é mais para saber se estão bem. Mais essa preocupação de mãe, achei isso sensacional. Minha filha que deve detestar o advento do celular às*

vezes, mas 99% das vezes é positivo. (...) O controlar é saber se chegou se está bem, é uma informação e não para saber se está com fulaninho. Ela sabe, vai chegar tarde, eu tô sabendo que vai chegar tarde, só para saber, é uma informação mais do que controle”.

Marcia Amorim, 54 anos, professora secundária, diz ter dado o celular a sua filha porque *“queria controlar entre aspas, né?! (...) Hoje em dia é mais assim uma necessidade nossa de combinar um lugar pra ver, pra se encontrar, ou se ela tá demorando muito. E ela sabe, pelo menos ela fala: ‘mãe, to aqui’”*. Através do depoimento de Márcia, podemos perceber um discurso comum a todas as mães entrevistadas. Apesar de justificarem suas ligações para os filhos como uma necessidade de organizar a rotina diária ou uma preocupação com a violência da cidade, a questão do controle sempre acaba surgindo em algum momento.

Verificou-se ainda que este controle é intensificado na madrugada, hoje fluida para os jovens, que mudam seus planos em busca de diversão. Como percebemos no depoimento de Regina Ribeiro, fonoaudióloga, 46 anos, que conta: *“eles marcavam assim, ‘vamos sair!’ Meia-noite estavam na casa de um, ainda iam resolver onde é que iam ir. Resolviam a uma da manhã. Às duas (ele) ligava: ‘estamos em Niterói’. Aí tu fica preocupada”*.

A madrugada, para a maioria das mães, é considerada uma parte desconfortável do dia, pois elas não conseguem relaxar até que seus filhos estejam em casa. Joana Pinto, 53 anos, aposentada, apesar de dizer, em um primeiro momento, que raramente liga para o filho:

“Acho que se eu fiz, foi uma ou duas vezes na vida”. Diz também que ligaria sem problemas *“se for por notícia urgente ou por preocupação. Como já disse, não gosto de incomodar os outros. Se eu ligar de madrugada é porque realmente não tenho outra opção. Mas se eu estiver preocupada, ligo pra marido, pra filho, pra minha irmã”*. E continua: *“(…) Se eu acordar a partir de uma certa (hora) e não ver ele em casa, claro que na hora eu vou ligar, mas isso é raro de acontecer. É uma preocupação natural de mãe, mas sempre tem aquele risco, muita violência. Mas é aquilo, não vou ligar pra encher o saco, é só em situações emergenciais”*.

Rafaela Carneiro, 45 anos, administradora, diz ficar mais preocupada quando as filhas não atendem sua ligação, especificamente de madrugada, preocupação esta devido à *“(…) vida que a gente leva aqui no Rio. Não é nem por elas não, porque elas são 10.*

Mas pela maluquice que a gente está vivendo aqui. (...) Se quiserem podem chegar até as 6 horas, mas o que me incomoda é o fato delas às vezes estarem na esquina, num Melt da vida e tudo acontece, né?! Aí... Isso é que é a minha preocupação! Não é com elas, nada, zero. Preocupação assim com elas é zero. Preocupação é com essa coisa de maluco que a gente está vivendo aqui no Rio de Janeiro, que você pode, acontecer qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer hora. Não tem esse negócio também que é porque é às 4 horas da manhã. Talvez eu fique um pouco mais preocupada, sim (...)"

Percebemos, portanto, que a preocupação das mães em relação aos seus filhos se intensifica durante a madrugada, que é dinâmica para os jovens e desconhecida para as mães. Algumas mães relataram que não dormem até que seus filhos cheguem em casa e, dependendo do horário habitual de chegada, ligam para saber se está tudo bem, como Márcia Amorim, professora secundária, 54 anos, que diz: *"... descanso, cochilo, dormir mesmo eu não durmo enquanto ela não chegar, mas aí demora, demora, demora, aí eu ligo: 'tá tudo bem filha?' (...)"*.

A questão dos acordos internos: outra ferramenta do controle:

Observando como as entrevistadas fazem uso dos celulares na madrugada, identificamos alguns acordos internos. Como por exemplo, filhos que, ao chegarem fora do horário habitual ou ao mudar seus planos, ligam para avisar às mães. Raquel Dias, economista com 46 anos, conta que: .

"... se ele me liga de madrugada é pra dizer que não vai dormir em casa. Porque aí eu sei que se eu acordar às 6 ou às 7 horas da manhã ou enfim, se acordar ao meio-dia e ele não estiver em casa, eu não preciso me preocupar e nem sair catando ele em tudo quanto é lugar do Rio de Janeiro. Então ele já me liga de madrugada pra dizer que não vai dormir em casa".

Silvia Junqueira, 49 anos, professora de Inglês, conta que seu filho liga "(...) pra avisar que vai demorar ou que não vai chegar em casa, que vai dormir fora, alguma coisa assim". E sente-se bem ao receber tal ligação: "Eu acho maravilhosa, ótima, pois aí você consegue relaxar e ir dormir direito, pois até então eu fico nervosa esperando que ele chegue, ele vai chegar, vai chegar (...)"

Outras mães dizem ligar para os filhos quando estes estão demorando ou passam do horário de chegada habitual, apenas para conferir se está tudo bem. Existe um combinado de os filhos checarem o visor, esporadicamente, para saberem se há chamadas não atendidas de suas mães e, se houver, retorná-las. É o que consta no relato de Márcia Amorim, professora secundária, 54 anos:

“... ela nem liga, ela fica aguardando eu ligar. Ela sabe que eu fico acordada, Ela fica com o telefone, mesmo que esteja num lugar que não escute, que ela não escuta, ela vai ver que alguém ligou. Ela vai sair pra tomar um guaraná, vai sair daquela muvuca toda como ela fala, ela vê o número e vê se eu liguei. E toca, 'tá tudo bem, mãe'“.

O mesmo ocorre com Nádia Carvalho, 48 anos, administradora, que informa:

“... há uma comunicação disso interna, de casa, de vez em quando dá uma olhadinha no celular, né?! Chegou tal hora dá uma olhadinha. (...) O celular fica ligado, eu sempre falo ‘deixa o celular ligado’, porque não pode atender, não escutou, vai ficar marcado ali. Então de vez em quando dá uma olhadinha, não custa nada.”

Débora Costa, psicóloga, 49 anos, firmou diversos acordos com seus filhos, para que se sinta mais tranqüila e interada sobre os mesmos durante a madrugada. Dentre esses acordos, para não ficar desinformada, seus filhos estão autorizados a fazer ligações a cobrar para ela, e diz:

“Eu já falei pra eles ‘olha, não me deixem sem notícia, especialmente quando vocês saem à noite’. Complementa ao contar que: “a gente combinou o seguinte (...) pra eu não ficar preocupada nós estabelecemos um código: eu peço que eles cheguem o mais cedo possível de manhã, né?! Porque quando vão sair assim, onze horas da noite, que voltem cinco e meia, seis horas da manhã né?! Nos lugares em que é possível fazer isso.”

Outro acerto bastante curioso entre Débora e seus filhos acontece: *“(...) quando eles têm que voltar antes. Ficou codificado que a roupa que eles saíram, eles deixam pendurada na sala de um jeito que do meu quarto, eu só abrindo a porta do meu quarto, eu enxergo que eles chegaram em casa, de forma que eu não precise despertar nem nada”.*

Além disso, este controle se diferencia de filho para filho dependendo da idade, como exemplifica Nadia Carvalho, 48 anos, administradora: *"Ah sim, o mais velho você controla menos, e tem menos necessidade, porque ela já pega o carro, ela só avisa se vai chegar mais tarde, vai com fulana, ciclana. Mas sempre há uma comunicação, mas*

claro que do menor é mais, né?! Mesmo os maiores a gente tá de olho".

Ao contrário de Nadia, a entrevistada Joana Pinto, aposentada de 53 anos, deu o celular apenas para o filho mais velho porque este costuma sair mais do que seu filho mais novo: *"Porque o Adriano já estava com 20 anos, sai com o carro, dirige, o problema é segurança".*

Regina Ribeiro, fonoaudióloga de 46 anos, também nos explica esse controle sobre os filhos mais velhos: *"Esse (o filho mais novo) eu quase não falo de manhã, pois está no colégio e deixa seu celular desligado. Ele leva mais o celular para se precisar ligar pra mim e pedir alguma coisa. Então nós nos falamos quando ele chega em casa pra almoçar. Não tem necessidade de ligar pra saber o horário, pois o dele é fixo, já o mais velho, como trabalha, fica mais difícil saber o horário. E por isso eu ligo".*

Um outro aspecto se relaciona à diferença de sexo entre os filhos, o que muda a maneira como este monitoramento acontece. É o que nos mostra Solange Fernandes, aposentada de 54 anos: *"Com o Bernardo eu me preocupo também, mas é mais a Mariana. Porque o Bernardo está sempre com alguém, são vários amigos, e Mariana acaba indo sozinha. Ele é homem, e sempre volta cheio de amigos mais próximos. A preocupação é igual, mas eu acho que ligo mais para a Mariana".*

Porém, esta preocupação em relação às filhas pode variar se a menina está namorando ou não. Elizabeth Dantas, comerciante de 40 anos "e tal", explica: *"Ligo mais quando ela está sozinha, fico mais tranqüila com ela namorando porque sei que ela está com o namorado e está mais segura do que quando está solta em festas, boates. Fico mais sossegada com ela namorando".*

Algumas vezes foi observado também um *controle invertido*, ou seja, dos filhos em relação às mães, uma vez que eles procuravam por elas querendo saber onde estavam e a que horas chegariam, por exemplo. Márcia Amorim, professora secundária, 54 anos, afirma com certo orgulho, que: *"eu ligava muito antes procurando ela (filha), agora ela tá ligando mais, ela fala né?! Que tem ligado mais pra me achar, que eu tenho estado muito cedo fora de casa. E, às vezes, ela fica dormindo, sábado e domingo ela fica muito dormindo e ela me caça por aí: 'onde você tá, mãe, me abandonou!'"*

Alterações na privacidade e intimidade:

Quando perguntadas se a intimidade e a privacidade teriam sofrido alguma mudança com o advento do celular, muitas das entrevistadas não relacionou tais

aspectos com o uso do celular. Entretanto, dentre as que o fizeram, a maioria informou que sua privacidade não fora invadida ou desrespeitada, uma vez que poderiam se utilizar de alguns meios, como desligar o aparelho ou selecionar as chamadas que desejassem atender, para preservá-la.

Raquel Dias, 46 anos e economista, explica como faz uso do bina para resguardar sua privacidade, pois a partir do momento que: *“(...) você tem um bina onde você verifica quem tá te ligando, se você não quer falar você simplesmente desliga e acabou-se. (...) O celular é muito bom porque ele faz com que a sua privacidade seja resguardada. (...) A partir do momento que você pode dar o teu telefone celular, não precisar dar o telefone da sua casa ou do seu escritório para ser encontrado, eu acho que isso é fantástico. Preserva muito a sua (...) privacidade”*.

Porém, se entendermos estas atitudes como maneiras de driblar a invasão que o celular gerou, podemos considerar que a privacidade das entrevistadas foi invadida. A partir do momento que as entrevistadas sentem a necessidade de filtrar certas ligações, pressupõe-se que no passado, sentiram-se invadidas e, portanto, se utilizam alguns meios para preservar sua privacidade.

Já no que se refere à intimidade, boa parte delas disse que o celular, de alguma forma, permitiu um aumento da intimidade entre as pessoas. Uma vez que houve um acesso mais fácil entre elas e uma possibilidade de contato mais direta, privada e contínua. Este é o caso de Sabrina Padrão, 41 anos, advogada, que mora com o filho e é divorciada, para quem o uso do celular facilita a construção da intimidade:

“(...) Ajuda na intimidade no aspecto que você pode se comunicar, é mais um meio de comunicação com as pessoas que são íntimas, familiares, namorado, com caso, com uma pessoa amiga que você queria conversar mais particularmente. (...) uma conversa sua, uma intimidade sua, e você tem a facilidade de no celular eu acredito que ele dá mais intimidade do que o telefone convencional. Se realmente você mora com a família, alguém pode pegar o telefone sem querer até, entendeu?! Essa intimidade, essa possibilidade ninguém está te escutando (...)”.

Principais utilidades do celular:

Os motivos pelos quais as mães compraram seus celulares, explorados inicialmente, permanecem em seus discursos, sendo incessantemente reforçados. A

maioria delas, atualmente, vê como principal utilidade do celular justamente a razão pela qual os aparelhos foram adquiridos: proporcionar maior segurança e tranquilidade.

Assim sendo, segundo nossas entrevistadas, o celular é um aparato que lhes proporciona maior tranquilidade e segurança, devido à maior facilidade de acesso às pessoas – principalmente aos seus filhos - como exemplifica Sabrina Padrão, 41 anos, advogada, quando diz que: *“Para mim nesse aspecto que te falei, de segurança de se comunicar com as pessoas com maior agilidade e a segurança que você tem. (...) você já fica preocupada com o assunto (...) que seja seu filho (...) e com o celular é mais fácil, de você ter uma resposta de alguma coisa, ou fazer uma pergunta que você esteja precisando, ou ter uma notícia, ou ter uma tranquilidade com maior agilidade”*.

Além disso, o celular é um produto muito útil para encontrar as pessoas e ser encontrada a qualquer hora e lugar, como relata Joana Pinto, 53 anos, aposentada, que acredita ser uma vantagem à possibilidade de *“(...) ser encontrada, até porque eu não tenho problema nenhum em ser encontrada, pra eu ser encontrada em qualquer eventualidade, quer seja meus filhos, meu marido, meus irmãos, meu sobrinho”*.

Por fim, outra utilidade que foi citada pela maioria das entrevistas foi o uso do celular para comunicações rápidas, urgentes e emergenciais, não precisando depender de um telefone fixo próximo. Grace Costa, 48 anos, comerciante, diz que uma das maiores utilidades do celular *“(...) é poder se comunicar com facilidade e naquele exato momento com alguém que você precisa falar e não tem ali um telefone fixo pra usar. (...) São situações que você pode ter sua vida mais fácil. Hoje em dia ninguém gosta de esperar, ninguém gosta de perder tempo. Então é muito mais prático você passar a mão no celular e agilizar as coisas (...)”*.

Interpretação dos Resultados:

Para que pudéssemos interpretar os resultados acima analisados, ao longo do período compreendido entre setembro de 2005 e junho de 2006, fizemos um levantamento do que vem sendo dito sobre os impactos dos celulares na literatura especializada. Este levantamento foi bastante trabalhoso, pois a literatura sobre os impactos dos celulares é pequena e está espalhada por diversas disciplinas.

Outra dificuldade que se apresentou foi a de que praticamente toda ela é publicada em inglês e nem todos os membros do grupo de pesquisa dominam bem esta língua. Mesmo assim, conseguimos levantar os seguintes itens bibliográficos que

consideramos relevantes para compreender as mudanças que vêm sendo geradas pelos celulares:

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Trabalho original publicado em 1996)
- _____ Internet e sociedade em rede. In MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 255-287. (Trabalho original publicado em 2000)
- de GOURNAY, Chantal. Pretense of intimacy in France. In: KATZ James E.; AAKHUS, Mark (Orgs.). **Perpetual contact: mobile communication, private talk, public performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 193-205.
- ITO, Mizuko; OKABE, Daisuke. **Mobile phones, Japanese youth and the re-placement of social contact**. 2003. Disponível em <<http://www.itofisher.com/PEOPLE/mito/mobileyouth.pdf>>. Acesso em 11 dez 2003.
- KIM, Shin D. Korea: personal meanings. In: KATZ James E.; Aakhus, Mark (Orgs.). **Perpetual contact: mobile communication, private talk, public performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, , 63-79.
- LING, Richard; YTTRI, Birgitte.. Hyper-coordination via mobile phones in Norway. In: KATZ James E.; AAKHUS, Mark (Orgs.). **Perpetual contact: mobile communication, private talk, public performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, 139-169.
- LING, Richard. **The mobile connection: The cell phone's impact on society**. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2004.
- _____. Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, ano 20, número 2, 2004, p. 165-174.
- SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999. (Trabalho original publicado em 1998).

Esperamos que este levantamento nos permita compreender mais detalhadamente os resultados apresentados anteriormente, principalmente aqueles que

julgamos ser mais interessantes como aqueles sobre segurança (há indicadores de que esta segurança pode estar principalmente associada à tranquilidade gerada para as mães pelo fato de saber que os filhos estão bem), sobre controle (que foi qualificado por muitas como um controle diferente daquele ao qual elas próprias foram submetidas) e sobre privacidade (que as mães revelam não deixar que seja invadida).

Referências Bibliográficas:

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2004). A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. *Psicologia Ciência e Profissão*. Brasília: v.24, n.1, p.82-83.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2004). Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília: v.20, n.2, p.prelo.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2003). Jovens e celulares: a cultura do atalho e da sociabilidade instantânea. In: Seminário Culturas Jovens e Novas Sensibilidades, 2003,

Rio de Janeiro. *Culturas Jovens e Novas Sensibilidades*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, v.prelo.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2002b). Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito?. *Estudos de Psicologia* (UFRN), volume 7, n.1, pp. 25-35.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (2001) *Estamos diante de uma nova revolução? Investigando os impactos psicológicos do uso de celulares multifuncionais*, projeto de pesquisa apresentado ao CNPq no ano de 2001.

Nicolaci-da-Costa, A.M. (1994). A análise de discurso em questão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, volume 10, n. 2, maio/agosto (pp. 317-331).

Nicolaci-da-Costa, A.M. (1989). Questões metodológicas sobre a análise de discurso. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, volume 4, n. 1/2, (pp. 103-108).